

Por que Luongo foi para Vancouver

THE SLOT

ISSN 0063-025X
9 770063 025005 >

129
20/10
2006



Wild
também
arrasa

Início arrasador

Uma revista quase de verdade



A capa de nossa primeira edição, de abril de 2002

Por: Alexandre Giesbrecht e Marcelo Constantino

Já são quatro anos e meio de história, com edições online durante praticamente todas as semanas com hóquei da NHL neste meio-tempo. Por 128 edições, sempre como se fosse uma revista de verdade. Aliás, sempre que aparece e-mail de alguém perguntando onde poderia achar a revista para vender ou como poderia fazer para assinar, é motivo de orgulho para nós. Significa que as pessoas acham nosso trabalho bom o su-

ficiente para ser viável em um país onde a leitura infelizmente não é um hábito.

Mas "existir", mesmo, fisicamente, a revista (ainda) não existe. Ao menos não nesse sentido de revista "de banca". Sempre foi só aqui na internet, e continuará sendo. Só que não custa sonhar, e uma coisa que sempre imaginamos foi a cara dessa revista. Como seria tê-la nas mãos e manusear página por página? Sim, é possível imprimir as edições online para ler

- e sabemos que há leitores que fazem isso -, mas não é a mesma coisa de ter uma edição realmente com formato de revista, ou uma revista propriamente dita. Pudemos ter uma idéia nas poucas ocasiões em que conseguimos publicar uma ou outra matéria em PDF, mas é diferente de ter todo o conteúdo diagramado bonitinho.

Aí, num belo feriado prolongado, bate a inspiração, bate o tempo e, alguns dias depois, temos uma revista quase

de verdade nas mãos. É verdade que, por falta de tempo, essa experiência não será repetida com frequência. Até gostaríamos, porque achamos o resultado muito bom — e você vai nos dizer o que achou também, não vai? —, mas sabemos que não é possível.

É, pelo menos, uma meta a se buscar no futuro: outras edições no mesmo formato. Até lá, seguiremos com nossa meta de cada dia, que é publicar uma nova edição a cada semana.

TheSlot.com.br é uma revista online semanal. Número 129 – 20 de outubro de 2006. **Editores-chefes:** Alexandre Giesbrecht e Marcelo Constantino. **Diretor de Arte:** Alexandre Giesbrecht. **Editor Assistente:** Humberto Fernandes. **Programador:** Cláudio Aguiar. **Equipe:** Alessander Laurentino, Bruno Bernardo, Daniel Novais, Eduardo Costa, Fabiano Pereira, Marco Aurelio Lopes, Rafael Roberto e Thomaz Alexandre. **E-mail:** equipe@theslot.com.br



Sabres despontam na frente

Texto: Marcelo Constantino

Design: Alexandre Giesbrecht



Jason Pominville a cada dia se firma mais

nuance: essa é uma característica que a equipe do Buffalo está enraizando desde a temporada passada, e não apenas nos playoffs. Um time sem grandes estrelas e sem salários nas alturas — contrastantes US\$ 5 milhões de Daniel Briere à parte.

Muito se fala no Anaheim Ducks quando a conversa é sobre dupla de goleiros. Mas a equipe mais bem servida nesse aspecto não é a de Jean-Sébastien Giguere e Ilya Bryzgalov; é justamente a que conta com Ryan Miller e Martin Biron. Simplesmente porque ambos são mais sólidos e experimentados. Ao contrário de Giguere, que alterna altos e baixos, Biron já mostrou sua utilidade e regularidade. Ao contrário de Bryzgalov, que praticamente surgiu nos playoffs, Miller atuou, e bem, por toda a temporada passada, sua primeira (quase) completa na NHL.

Defensores consagrados? Nada, aqui você encontra os bons e só-

Cinco vitórias em cinco jogos. É bem verdade que três delas foram na disputa de pênaltis, mas, até o fechamento desta edição, o Buffalo Sabres saboreava a única invencibilidade a ser batida na Conferência Leste.

A quinta vitória consecutiva do time na temporada foi uma bela virada de 7-4 sobre o New York Rangers no último sábado. Depois de um começo devagar na partida, quando estava acuado pelos Blue

Shirts e perdia de 2-0, eis que o time explode no fim do primeiro período e muda completamente o panorama da partida, que marcou também o primeiro hat-trick da carreira de Chris Drury — destaque de um time sem estrelas que tem sua maior força no conjunto. E que força!

Depois de uma excelente performance nos playoffs da temporada passada, quando, desfalcados por contusão de defensores importantes, perderam a final da Conferência para o

Carolina Hurricanes somente no terceiro período do sensacional jogo 7, os Sabres agora são apontados como um dos favoritos à Copa Stanley deste ano. E a principal razão está na força do conjunto do time.

Batalhadores, guerreiros incansáveis, daqueles que jamais desistem de uma jogada — assim são conhecidos os jogadores dos Sabres. Mais ou menos como a equipe do Edmonton Oilers ficou conhecida nos últimos playoffs, mas com uma



Toni Lydman não é consagrado, mas é bom e sólido, assim como o resto da defesa dos Sabres

lidos Teppo Numminen, Henrik Tallinder, Toni Lydman e o recém chegado Jaroslav Spacek, a peça mais ofensiva que faltava à defesa.

Atacantes superestrelas? Aqui não. O que há é um leque que sempre produz, e bem. Você olha para o lado direito e vê Maxim Afinogenov, que efetivamente sempre produz, e bem. Vê também Ales Kotalik, que precisa de um pouco mais de regularidade, depois de uma bela tem-

porada de estréia. E vê ainda Jason Pominville, aquele praticamente desconhecido que cis-mou de aparecer nos últimos playoffs e que se firma a cada dia como um dos batalhadores da equipe.

Mesmo o lado esquerdo, embora, digamos, menos cotado, conta com jogadores do tipo de que o Buffalo precisa: jogadores de equipe. Assim têm sido Jochen Hecht, Thomas Vanek e Derek Roy, por exemplo.

O subestimado, porém superpago (será mesmo?), Briere comanda a área central do time com Chris Drury. Aliás, voltando a falar em Drury, quem sabe esta não é a

temporada em que ele será alçado realmente à condição de estrela? Ao menos neste começo (OK, só temos pouco mais de 5% da temporada), ele está entre os líderes em pontos. Sempre considerado um jogador de grande valor, que sempre faz boas temporadas e playoffs, inclusive com participações em alguns anos, Drury é o principal jogador do time.

Os reflexos das decisões gerenciais acertadas — manter Lindy Ruff, buscar formar uma equipe com base na união e no conjunto e até

mesmo o novo uniforme para esta temporada — começam a aparecer. Além da badalação em cima do favoritismo, Buffalo está tendo casa cheia neste início de temporada, algo não muito comum ultimamente.

O Buffalo Sabres é um time destinado a ir até o fim; e o fim é longo e distante, fica além de onde eles chegaram nos playoffs passados. O começo tem sido trilhado nessa direção, e eles já mostraram que tendem a manter o mesmo padrão de qualidade ao longo da temporada e dos playoffs.

[Marcelo Constantino](#) não é cavalheiro.



Texto e Design: Alexandre Giesbrecht

Nas suas últimas semanas na Flórida, o goleiro Roberto Luongo foi caracterizado como mais um atleta ganancioso, que tentava tirar dos Panthers cada centavo disponível. Ele ignorou uma oferta de contrato de cinco anos, a US\$ 30 milhões. Recusou várias ofertas por três ou quatro anos. No final das contas, Luongo, de 27 anos, diz que aceitou

uma última oferta, de pegar ou largar, na véspera do recrutamento, em junho, e logo depois descobriu que o então gerente geral do time, Mike Keenan, o tinha trocado para o Vancouver em uma negociação que mandou Todd Bertuzzi para Miami.

Tudo isso serviu para provar a Luongo que ele estava certo em "não confiar neles, não confiar em Mike".

Na semana passada, ele revelou que sua decisão de bancar o difícil durante as negociações de renovação de contrato derivava dos meses de desconfiança entre ele e a diretoria dos Panthers, em particular Keenan. E essa desconfiança só vinha crescendo.

Todo o problema começou quando o técnico Jacques Martin demitiu o treinador de goleiros Clint Malarchuk. O jor-

nalista Michael Russo, do jornal *Miami Herald*, ligou para Luongo, que estava em lua de mel, a fim de entrevistá-lo para saber o que ele achava da decisão. Na verdade, Luongo ficou sabendo da demissão de Malarchuk por meio de Russo.

"Eu não esperava aquilo", confessa hoje o goleiro. "Eles tinham me dito que demitiram Clint para trazer o meu treinador,

ners “de mal” com o ex-gerente geral Mike Keenan. E a briga foi feia.

Francois Allaire, e depois Jacques acabou trazendo um dele [Phil Myre].”

O que mais irritou Luongo foi um incidente no avião dos Panthers em janeiro. Ele não conta a história; apenas confirma-a. Keenan, que não foi encontrado por Russo para comentar o assunto, estaria decepcionado com a rejeição do goleiro ao já citado contrato de US\$ 30 milhões. Durante um vôo, Keenan decidiu usar o banheiro do fundo da aeronave, onde os jogadores se sentam, ao invés do da frente. Com os jogadores dormindo ou ouvindo música, Keenan decidiu usar o banheiro do fundo da aeronave, onde os jogadores se sentam, ao invés do da frente. Com os jogadores dormindo ou ouvindo música, Keenan discutiu acirradamente com Luongo sobre as negociações de contrato, com direito a voz alta e palavrões. Luongo ficou ofendido com o questionamento na frente de seus colegas.

“Esse é Mike”, avalia Luongo. “Eu sei como ele é. Nada que ele faz me surpreende, por isso aquilo não foi nenhuma surpresa. Foi só mais um prego no caixão.” E não o único: “O pior, para mim, foi a arbitragem. Aquilo foi o que doeu mais.”

Apesar de ter concorrido ao Troféu Ve-

zina e ter quebrado os recordes de defesas e chutes encarados em 2003-04, quando tinha o 29.º salário da liga entre os goleiros, Luongo se tornou o primeiro jogador na história da NHL a ser levado à arbitragem por seu time (o normal é o jogador se decidir pela arbitragem), em agosto do ano passado.

Luongo assinou então por um ano, e os Panthers passaram a tentar negociar uma extensão. Mas o goleiro não queria mais trabalhar com Keenan. Aparentemente, nem os Panthers. Luongo diz que praticamente todos na organização, do dono, Alan Cohen, ao chefe de operações, Michael Vormark, e até o técnico Jacques Martin, negociavam a renovação com ele e seu empresário. “Quatro ou cinco pessoas diferentes”, lembra Luongo.

Na véspera do recrutamento, Martin chamou-o para contar que Keenan tinha uma troca engatilhada. Luongo tinha uma última chance de aceitar um contrato de quatro anos. Ele respondeu, dizendo que aceitava o novo contrato, desde que pudesse



escolher seu treinador de goleiros, que o goleiro reserva Jamie McLennan também tivesse seu contrato renovado e que os Panthers declarassem publicamente que não trocariam Luongo no primeiro ano do novo contrato. Exigências flexíveis, de acordo com Luongo.

“Jacques não retornou meu telefonema”, conta o goleiro. “Mike me ligou e disse que eu tinha sido trocado. Não falei nada. Só disse: ‘Tudo bem, obrigado.’ Foi meio louco.”

Com a camisa do Florida, Loungo bateu os recordes de defesas e chutes encarados em 2003-04

Keenan já não é mais GG dos Panthers, mas foi uma despedida triste para Luongo, que era o rosto do time. Agora em Vancouver, ele começa a lutar para se tornar o rosto dos Canucks, que não têm um goleiro que conte com a confiança da torcida desde Kirk MacLean.

SABRES

Ponto de vista

Daniel Brière, do Buffalo, abocanhou um contrato de um ano, a US\$ 5 milhões, na arbitragem, o que é um investimento e tanto para os Sabres, considerando-se que ele se tornará um agente livre ao final da temporada. “Não sou estúpido”, esquivava-se Brière. “Eu ouço o que falam. ‘Danny vai jogar por um ano e depois ir embora.’ Vamos ver, mas essa rua não é de mão única. Vai que eu tenho um mau ano, e os Sabres nem querem mais ouvir falar de mim?”

NHL

Questão de arbitragem

Um ano depois do locaute que eliminou a temporada 2004-05, já há uma nova disputa trabalhista sendo alimentada. Os salários concedidos pelas arbitragens no último verão foram astronômicos, o que, num sistema de

teto salarial, faz com que seja praticamente impossível manter um mesmo elenco junto. “Não sou um grande fã da arbitragem salarial”, confessa o comissário Gary Bettman. “Como conseguimos o teto salarial, não era algo que achávamos necessário criar caso, mas acho que, ao longo do tempo, se as decisões forem excessivas, você tem de avaliar se o dinheiro está sendo distribuído de uma maneira justa.” O acordo coletivo de trabalho atual expira em setembro de 2011. Mais um locaute a caminho?

CAPITALS

Nada de intérprete

Quando chegou aos EUA em 2004, Alex Ovechkin (era Alexander até ter seu nome “americanizado” por seus empresários), do Washington, mal falava inglês. Desde então, já aprendeu a se virar sem precisar de intérprete: “Hoje, se não sei uma palavra, tento explicar o que é. E eu falo bastante com a imprensa.”

IMPRENSA

O jornalismo esportivo norte-americano se leva um pouco menos a sério que sua contra-partida brasileira. Neste espaço, publicamos alguns dos melhores exemplos disso.



No sábado retrasado, os Penguins receberam os Wings e foram derrotados por 2-0. Aliás, não só perderam, como pode-se dizer que nem entraram no gelo, porque deram míseros 13

chutes a gol. Dave Molinari, do jornal *Pittsburgh Post-Gazette*, não deixou barato e criticou de uma forma bem-humorada a atuação dos Pens no seu artigo sobre o jogo, no dia seguinte.

“O goleiro dos Red Wings, Dominik Hasek, teve uma atuação espetacular. Não por causa de nenhuma defesa que fez — estas foram bem normais —, mas porque nem sequer uma vez ele cedeu à tentação de se acomodar e tirar uma soneca na área. Só isso já faz dele candidato ao Hall da Fama na primeira tentativa. ‘Eu tive de me manter atento, porque nunca se sabe’, disse Hasek. ‘Não quero dizer que foi um jogo fácil.’ Ele não precisava dizer. Qualquer um que tenha assistido à partida poderia chegar a essa conclusão, porque a atividade mais rigorosa que Hasek fez toda a noite foi seu alongamento antes do jogo.”



<http://www.postgazette.com/pg/06281/728426-61.stm>

is Joseph parece estar a ponto de perder o posto de titular dos Coyotes.



FOTO DA SEMANA — 14/outubro/2006

Matthew Barnaby, do Dallas Stars, é contido pelos árbitros enquanto seu colega Stéphane Robidas briga ao fundo com Derek Armstrong, do Los Angeles Kings, para delírio da torcida.

FOTO: Juan Ocampo/Getty Images

WILD

Historinha

O defensor dos Canucks e ex-Wild Willie Mitchell contou uma história sobre o começo de sua carreira no Minnesota, quando ele marcou o gol de empate contra o Detroit. No dia seguinte, ele foi chamado ao escritório do técnico Ja-

cques Lemaire, que disse: "Você produziu três chances de gol. Isso é muito bom. Mas você permitiu três chances de gol para Sergei Fedorov, Steve Yzerman e Brett Hull. Quem você acha que vai marcar mais gols: Fedorov, Yzerman e Hull ou Willie Mitchell?" Comentário de Mitchell: "Entendi o que ele quis dizer."

COYOTES

Joseph na berlinda

De acordo com o jornal *Arizona Republic*, os Coyotes já estão procurando por um goleiro para substituir Curtis Joseph (foto ao lado), que sofreu 12 gols em oito períodos.



Quando perguntado se o rumor era verdadeiro, o GG Mike Barnett simplesmente balançou a cabeça.

FRASE DA SEMANA

Um 6-1.

Jacques Lemaire, técnico retranqueiro do Wild, respondendo se preferia um jogo que acabasse 2-1 ou 6-5.



FLAMES

Garotinho

Jamie McLennan (foto acima), goleiro reserva com cara de criança dos Flames, foi barrado no cinema, quando ia assistir a "Jackass 2" com o colega de time Stephane Velle. "Acharam que eu não tinha 18 anos [Ele tem 35]. Toda hora me pedem documentos", revela McLennan, que prossegue, apontando para o colega Jarome Iginla: "Está vendo? Iggy parece dez anos mais velho do que eu, e eu sou na verdade seis anos mais velho."

Alexandre Giesbrecht, 30 anos, ainda quer ver um dia como a TheSlot.com.br ficaria impressa.

PAPO COM QUEM LÊ

Vira-e-mexe, recebemos e-mails interessantes dos nossos leitores. Esforçamo-nos para responder todos, e alguns deles vêm parar neste espaço.



DESEMPREGADOS

Quem os quer?

Jason Allison está em Toronto, desempregado, mas se mantendo em forma, aproveitando o tempo livre com seus filhos enquanto espera para ver se um time mais adequado faz uma oferta — como os atuais campeões Hurricanes, onde ele poderia jogar para o técnico Peter Laviolette e talvez ressuscitar a vantagem numérica do time. Outro desempregado é Brian Leetch, que está em Boston, onde seu filho estuda. Ele está para voltar a treinar, depois de um mês parado, e diz que precisa de mais ou menos um mês — e, claro, de um time — para entrar em forma.

Eu estava revendo hoje o gol do Malik e pensei no que [você falou](#) sobre ele ter voltado um pouco o disco para colocá-lo entre as pernas e chutar. Você disse que ele quebra uma regra que estaria subentendida quando se diz que num pênalti o disco deve ser levado progressivamente em direção ao gol. Mas o toque que Malik deu não se assemelha, por exemplo, a quando o jogador dá o toque no disco para pará-lo e depois dar um *slap shot* ao gol, coisa que muito jogador faz cobrando um pênalti? Isso também quebraria essa regra silenciosa?

Thiago Leal, João Pessoa, PB

Alexandre Giesbrecht: Sim, também estaria quebrando a regra, que não tem nada de silenciosa (está lá no [site da NHL](#)). Só que de maneira diferente. Enquanto Malik quebrou a parte que manda o disco ir sempre em direção ao gol, o caso que você cita quebraria a parte que manda manter o disco em movimento. Apesar disso, nos poucos lances de pênalti que eu vi assim, na verdade o disco não chegou a parar totalmente, não quebrando, pois, a regra. Não que não tenha havido nenhum lance como você falou. Só não vi — e não devo ter visto nem um terço do total de pênaltis da temporada passada ou desta. Mas, como escrevi antes, duvido que a NHL esteja preocupada com essas technicalidades. Está errado? Claro que está. A regra deve ser aplicada como está escrita, sem meios termos. Mas os pênaltis têm sido sucesso de público, e o gol de Malik só trouxe mais atenção a eles.

Uma pitada de sorte

Texto: Dave Molinari, *Pittsburgh Post-Gazette*

Tradução e Design: Alexandre Giesbrecht

Na verdade, não havia outra jogada para Sidney Crosby fazer. Não a apenas cerca de cinco segundos do fim do terceiro período, com o placar empatado. Ele poderia ter tentado um chute sem ângulo de perto da parte de baixo do círculo direito, que não teria muitas chances de passar pelo goleiro do New York Rangers, Henrik Lundqvist.

Era melhor, pensou Crosby, tentar fazer o disco chegar a Michel Ouellet do outro lado da área, do mesmo jeito que no terceiro gol dos Penguins. Boa idéia, mas o passe de Crosby nunca chegou ao seu destino.

Nem precisou.

O disco bateu no patim do defensor adversário Aaron Ward e escorregou para dentro do gol de Lundqvist a 3,3 segundos do fim do jogo, para dar a vitória aos

Penguins (que agora têm campanha de 2-1) por 6-5 no Madison Square Garden na quinta-feira.

"Tive sorte", confessou Crosby. Não há dúvidas disso, mas o gol não foi sua única contribuição; Crosby arremou três outros gols. "Ele estava pegando fogo hoje", elogiou o técnico Michel Therrien.

Pode ser que Crosby, com nada mais que 84 jogos na NHL em seu currículo, não quisesse ser superado por uma dupla de garotos como Jordan Staal e Kristopher Letang, que marcaram seu primeiro gol na NHL. Ambos os gols foram importantes e

Crosby comemora seu gol: faltavam menos de quatro segundos para o fim do jogo





tornam ainda mais difícil a vida da gerência do time, que terá de decidir nas próximas duas semanas se os mandará de volta ao hóquei júnior. “Foram gols bonitos”, disse Crosby, que não deixa de ser uma autoridade no assunto.

O gol da vitória de Crosby foi o último dos quatro gols em vantagem numérica em nove tentativas dos Penguins, que tinham desperdiçado todas as oito

oportunidades nos seus primeiros dois jogos. “Fomos melhor”, comemorou o defensor Ryan Whitney, que marcou duas vezes no terceiro período.

O problema é que, depois de se manter perfeitos em 12 situações de vantagens numéricas naqueles primeiros dois jogos, os Penguins sofreram três gols em vantagem numérica em nove tentativas para os Rangers. “Sofremos al-

guns gols em vantagem numérica, o que é ruim”, disse Whitney. Talvez, mas também demonstra o talento ofensivo que os Rangers têm à disposição.

“Ambos os times estavam produzindo bem”, avaliou Crosby. “Eles têm uma grande equipe de vantagem numérica e marcaram alguns gols bonitos.” O primeiro gol do jogo foi marcado enquanto os Penguins estavam em desvantagem

Ambos os times fazem um minuto de silêncio, em homenagem ao arremessador Cory Lidte, dos Yankees, que morrerá num acidente de avião na véspera

numérica, quando Staal abriu o placar com um espetacular esforço individual. Ele roubou o disco na defesa, conseguiu levá-lo até a zona neutra, onde venceu na

têm uma grande equipe de vantagem numérica e marcaram alguns gols bonitos.”

corrida o defensor Michal Rozsival antes de mandar o disco para o gol de Lundqvist do lado da luva, aos 3:23. “Eu realmente não estava pensando muito”, reconheceu Staal. “Eu só meio que disparei ali. Minha mente ficou meio que em branco, e eu meio que fui no embalo, e funcionou.”

Os Rangers reagiram rápido, com gols de Jaromir Jagr (4:45) e Matt Cullen (6:35), virando o jogo para 2-1. O New York estava com grandes chances de ter o jogo sob controle, mas os Penguins conseguiram uma vantagem numérica de cinco contra três alguns minutos depois, e Letang venceu Lundqvist com um chute de pulso alto da esquerda aos 9:15. “Um grande chute”, de acordo com Therrien.

Esse foi o primeiro gol em vantagem numérica dos Penguins na temporada, e eles sofreram o primeiro minutos

depois. Adam Hall marcou-o aos 15:08, com um chute pouco abaixo do travessão, também da esquerda, enquanto Sergei Gonchar servia uma punição por interferência.

A vantagem numérica dos Penguins atacou de novo aos 15:55, quando Ouellet chutou do lado esquerdo da área, seu segundo gol na temporada, e Crosby serviu Whitney para o gol da virada no início do terceiro período. Ele estava com o disco no círculo direito e passou no entre-círculos para Whitney, que chutou na parte vazia do gol a 1:01.

Depois que Michael Nylander empatou

Pittsburgh	0	3	3	6
NY Rangers	0	3	2	5

Primeiro período – Gols: Nenhum.

Segundo período – Gols: Pittsburgh, J. Staal 1 (desvantagem numérica) (sem assistência), 3:23. NY Rangers, J. Jagr 2 (M. Nylander), 4:45. NY Rangers, M. Cullen 2 (J. Ward, F. Tyutin), 6:35. Pittsburgh, K. Letang (vantagem numérica) (S. Crosby, S. Gonchar), 9:15. NY Rangers, A. Hall 2 (vantagem numérica) (M. Straka, K. Rachunek), 15:08. Pittsburgh, M. Ouellet 2 (vantagem numérica) (M. Recchi, S. Crosby), 15:55.

Terceiro período – Gols: Pittsburgh, R. Whitney (vantagem numérica) (S. Crosby, C. Armstrong), 1:01. NY Rangers, M. Nylander 2 (vantagem numérica) (P. Prucha, J. Jagr), 6:09. Pittsburgh, R. Whitney 2 (C. Armstrong, D. Moore), 7:02. NY Rangers, B. Shanahan 4 (vantagem numérica) (J. Jagr, M. Straka), 11:12. Pittsburgh, S. Crosby 2 (vantagem numérica) (M. Recchi, M. Ouellet), 19:56.

Pittsburgh	7	7	8	22
NY Rangers	11	18	13	42

Vantagem numérica: PIT – 4 de 9; NVR – 3 de 9. **Goleiros:** Pittsburgh – M. Fleury (42 chutes, 37 defesas). NY Rangers – H. Lundqvist (22, 16). **Público:** 18.200. **Árbitros:** Brian Pochmara, Chris Rooney. **Estrelas:** Sidney Crosby (PIT), Ryan Whitney (PIT), Jaromir Jagr (NVR)



Letang e Fleury defendem contra Hall: Rangers chutaram muito a gol, mas não foi o suficiente

o placar em uma vantagem numérica de cinco contra três aos 6:09, Whitney restaurou a vantagem dos Penguins 53 segundos depois, com uma bomba de dentro do círculo esquerdo. Brendan Shanahan marcou para o New York aos 11:12, e parecia que aquele gol forçaria a prorrogação até Crosby marcou o gol da vitória.

Apesar de a atuação dos Penguins não ter chegado nem perto da perfeição — eles sofreram 42 chutes a gol, só para começar —, os dois pontos que eles ganharam por ela foram bastante satisfatórios. “Ainda há trabalho a ser feito”, filosofou Whitney.

Ryan Malone e Nils Ekman pressionam Thomas Pock: não, o jogo não foi tão físico como esta foto pode fazer parecer

“Mas é uma vitória.”

O atacante Karl Stewart fez sua estréia pelos Penguins, no lugar de André Roy na ponta esquerda da quarta linha. Stewart cavou uma penalidade por *tripping* contra Jason Ward em sua primeira jogada. Pelo lado dos Rangers, o defensor Darius Kasparaitis revelou que teve uma discussão com o técnico Tom Renney por causa de sua ausência nos três primeiros jogos da equipe.



Curiosidades

O jogo foi digno de nota por alguns motivos. Em primeiro lugar, foi o 5.406.º jogo na história dos Rangers, mas o primeiro em que os dois times marcaram ao menos cinco gols depois de um primeiro período sem gols. Crosby marcou o gol da vitória

a menos de quatro segundos do fim do tempo normal. Foi o primeiro jogo em casa da história dos Rangers em que um adversário marcou o gol da vitória nos últimos cinco segundos do terceiro período.

Os gols marcados por Crosby, Staal e Letang

marcaram a primeira vez em quase 24 anos — e apenas a nona vez na história da NHL — que um time consegue gols de três jogadores que ainda não completaram duas décadas de idade. Crosby e Letang têm 19 anos; Staal, 18. A última vez tinha sido em 17 de outubro de 1982, quando Dave Andreychuk, Paul Cuy e Phil Housley marcaram pelo Buffalo.

Para terminar, Jaromir Jagr estava no banco de penalidades quando do gol da vitória de Crosby, por uma enganchada. Foi a primeira vez na carreira de Jagr que ele cometeu uma penalidade nos últimos dez minutos de um jogo empatado, e essa penalidade deu origem ao gol da vitória em vantagem numérica para o adversário.



O próximo goleiro da elite

Texto: Allan Muir, *SI.com*

Tradução e Design: Alexandre Giesbrecht

A temporada já tinha quatro jogos, e Ilya Kovalchuk ainda não tinha acendido a lâmpada. Ainda assim, seu Atlanta Thrashers começou a temporada com a melhor campanha de sua história, 3-0-1. Kovalchuk tem aquele tipo de talento dominador que pode valer, só por si próprio, dois pontos na tabela, e, quando ele engrenar, os Thrashers serão um adversário bem mais perigoso. Mas, enquanto isso não acontece, eles parecem não estar sentindo falta do poderio ofensivo dele. Por enquanto, Atlanta é o lar do Show de Kari Lehtonen.

Segunda escolha geral do recrutamento de 2002, Lehtonen foi descrito por anos como o goleiro do futuro do Atlanta. Se levarmos em consideração suas atuações nesta temporada — e sim, eu dei uma olhada na data do calendário e vi que ainda estamos em outubro —, já é praticamente seguro dizer que o futuro é agora.

Quatro jogos como titular. Dois shutouts. Uma média de 0,71 gol

sofrido. 97,1% de defesas. Três vitórias. É fácil se perder nos números, especialmente quando eles pintam um cenário tão bonito. Mas não se consegue ter uma prova dos passos que Lehtonen está dando na página de estatísticas. Isso só se dá quando se o vê fazer sua mágica.

O que ele está fazendo pelos Thrashers é o que Martin Brodeur fez pelos Devils, ou Miikka Kiprusoff faz pelos Flames. Com sua postura calma e firme, Lehtonen faz os Thrashers parecer melhores do que eles parecem no papel. Não é só que ele faz as grandes defesas; é que ele as faz parecer simples. Ao fazer o seu papel tão rotineiramente, ele dá a seus colegas de time tranquilidade para jogar.

Os resultados não são glamurosos. Ao final de cada jogo, há poucas cenas para os melhores momentos, porque melhores momentos são feitos de erros aproveitados. E, até agora, Lehtonen não os está cometendo (nem ele nem sua desconhecida defesa, liderada por Andy Sutton, Niclas Ha-

velid e Vitali Vishnevski).

Lehtonen usa uma técnica quase infalível misturada com um posicionamento obediente e seu corpanzil de 1,93 m e 88 kg para não deixar espaços onde atacantes adversários possam mirar. Defesas que podem ser perigosas para outro goleiro

Lehtonen simplesmente não dá espaço algum para o atacante mirar

são corriqueiras para Lehtonen, com o disco batendo em seu peito ou nas suas proteções de pernas, antes de ele rapidamente tirá-las do caminho.

Esse domínio de sua arte foi evidenciado na



odeur faz pelos Devils, é o que Miikka Kiprusoff faz pelos Flames.



quarta-feira passada, nos 4-1 sobre os Bruins. 23 chutes, 22 defesas, sendo só uma delas memorável: uma agressiva antecipação a uma bela finta de Phil Kessel no terceiro período, que tirou do novato seu primeiro gol na NHL.

Um elemento impressionante das caracte-

rísticas de Lehtonen é que ele não blefa. Patrick Roy, por exemplo, adorava provocar os adversários mostrando a luz do dia por entre suas proteções de pernas ou por sobre a sua luva, fazendo o atacante ter a tentação de colocar o disco exatamente onde Roy o que-

ria. Lehtonen, por outro lado, simplesmente não dá nada ao atacante.

Depois de shutouts consecutivos contra Florida e Tampa Bay, Lehtonen construiu o recorde da franquia para minutos sem tomar gols: 167:56. O único gol que ele sofreu na quarta-feira foi um ricocheteo digno de fliperama que só teria sido parado por uma tábua do tamanho do gol. E mesmo naquele lance, Lehtonen ficou só a um fio de cabelo de fazer a defesa. Foi parecido com os outros dois gols que ele tinha sofrido na temporada até ali: ambos foram desvios de sorte que teriam passado por um lutador de sumô deitado.

A presença de Lehtonen não é sentida só na coluna de vitórias; é também na desvantagem numérica. Com o jovem finlandês no departamento médico por boa parte de 2005-06, os Thrashers ficaram em 26.º, com sucesso em apenas 79,2% das ocasiões. Nesta temporada, eles mataram 23 das 25 penalidades. Parte do crédito vai para a postura mais discipli-

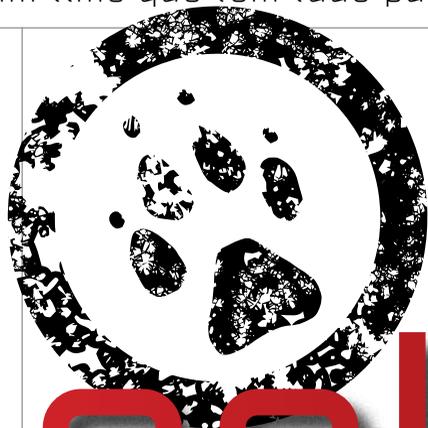
nada dos jogadores de linha, mas não dá para ignorar a importância do melhor matador de penalidades do Atlanta.

A emergência prematura de Lehtonen sugere que os Thrashers serão capazes de disputar o título da Divisão Sudeste. Este é, afinal, essencialmente o mesmo time que ficou a apenas dois pontos dos playoffs no ano passado, apesar de um início de temporada medonho e com um carrossel de goleiros da ECHL no gol.

Se bem que é difícil levá-los a sério quando eles alinham quatro centrais de terceira linha todas as noites. Fora sua eficiência em face-offs — eles são bons nisso —, o grupo formado por Steve Rucchin, Glen Metroplit, Bobby Holik e Niko Kapanen é quase que um freio de mão para o ataque dos Thrashers. O desafio do gerente geral Don Waddell será achar ao menos um, mas de preferência dois pivôs capazes de maximizar pontas excelentes como Kovalchuk e Marian Hossa, para dar continuidade ao Show de Kari Lehtonen.



um time que tem tudo para brigar pelo título da forte Divisão Noroeste.



Mudança selvagem

Texto: Daniel Novais

Design: Alexandre Giesbrecht

Antes de a temporada começar, Marian Gaborik indagava se realmente devia se comprometer a ficar no Wild. Apesar do relativo sucesso da franquia sob o comando de Jacques Lemaire, uma estrela do calibre do eslovaco tem uma saudável vontade de alçar vôos mais

altos, buscando atuar em um time que tenha possibilidades reais de chegar ao desejo máximo de qualquer jogador: a Copa Stanley.

Curiosamente, essa ambição de Gaborik pode ter sido o marco de surgimento do Wild

como um dos favoritos ao título. Com a ameaça de perder sua maior estrela ao fim da temporada, os donos de mão fechada da franquia resolveram abrir suas carteiras. Nada mais justo, já que o Wild, desde seu surgimento, em 2000, sempre manteve seu estádio entre os mais lotados da NHL. Só não se esperava que essa abertura viesse de forma tão contundente.

A folha salarial do Wild saltou da casa dos US\$ 25 milhões anuais para em torno de US\$ 40 milhões.

Vieram de uma vez só o perigoso Pavol Demitra, capaz de marcar regularmente 50 pontos ou mais por temporada, Mark Parrish, sólido e forte atacante para gerar uma boa terceira li-

nha, e o agitador Branko Radivojevic, especialista em mudar o embalo a favor de seu time.

Some-se a eles Gaborik e Wes Walz, para formar a primeira linha com Demitra, além da perigosa segunda linha, com Pierre-Marc Bouchard, Brian Rolston e Todd White, todos capazes de marcar mais de 40 pontos por temporada, e tem-se um bom conjunto ofensivo para trabalhar.

A defesa não fica muito atrás. Os reforços de Petteri Nummelin (por quem o Wild entrou em um ferrenho leilão para obter os direitos), Kim Johnsson e do ex-líder da vitoriosa defesa dos Ducks, Keith Carney, ajudam a formar um forte corpo defensivo. Adicionamos ainda a esse grupo os competentes Kurtis Foster e Martin Skoula, para efeito de profundidade. Para fechar a defesa, o goleiro Manny Fernandez assume os deveres por completo, com a partida de Dwayne Roloson ainda em 2005-06.

Essas contratações ainda ajudam a superar uma das maiores fraquezas do time: a falta

de um grupo de veteranos capaz de auxiliar a franquia em momentos de crise. Um bom exemplo veio a temporada passada: apesar de brigar por uma vaga nos playoffs até o fim da temporada regular, o Wild ficou de fora por oito pontos, graças a uma má reta final.

Apesar de aparentemente randômicas, o técnico Lemaire afirma que há uma lógica por trás de cada contratação. "Esse é um grupo selecionado a dedo. Tínhamos um grupo bastante quieto e coeso, e esses [jogadores] vêm para agitar um pouco o clima, dar mais vida ao nosso vestiário."

Lemaire salienta ainda que não pretende mudar o estilo de jogo só pelas contratações. A falta de compromisso defensivo seguirá sendo punida com a diminuição



do tempo no gelo, mas Lemaire promete arriscar um pouquinho mais, e permitirá que o jovem e talentoso grupo ofensivo atue com mais liberdade. Atitude acertada, espe-

O sólido e forte Parrish é capaz de gerar uma forte terceira linha

cialmente na competitiva Divisão Noroeste.

Daniel Novais é tenista fanático.



FOTO: Ron LeBlanc/Getty Images

A difícil arte de renovar

Texto: Alessander Laurentino

Design: Alexandre Giesbrecht

Depois de todas as trocas nas férias, o Vancouver Canucks experimenta um novo comando técnico, bem como novos rostos no gelo. Não há mais Bertuzzis, Jovanoskis ou Cloutiers. Também não existem mais Aulds, Allens ou Carters. Nem mesmo um Crawford atrás do banco existe mais.

Não restam dúvidas de que os Canucks precisam encontrar uma nova fórmula para poderem voltar a constar da lista dos melhores times da NHL, e certamente esse processo é demorado e requer muita paciência, assim como uma boa dose de sorte também.

Roberto Luongo vem provando ser tão sólido e confiável quanto se achava que ele poderia ser. Tudo bem que a temporada está apenas começando, e os Canucks sequer jogaram dez vezes ainda, mas o que



tem sido público e notório é que o time possui um goleiro confiável e capaz de segurar o forte, uma primeira linha bastante ofensiva, com habilidade e capacidade suficientes para decidir qualquer partida, e... e o quê mais?

Além da boa primeira linha, as demais estão tendo atuações abaixo

Naslund foi separado de Brendan Morrison e está fazendo falta para o central

do esperado. A defesa se baseia em Sami Salo e Matthias Ohlund, e, quando eles não conseguem atuar bem, é um Deus nos acuda lá atrás. O novo técnico,

Alain Vigneault, vai ter muito trabalho se quiser acertar o time ofensivamente e encontrar o melhor pareamento e posicionamento dos seus defensores. Além disso, vai precisar tirar o máximo de jovens talentos como Luc Bourdon e não poderá ficar excessivamente dependente das defesas de Roberto Luongo, já que este não poderá disputar todas as 82 partidas da temporada regular.

A linha de Jan Bulis, Brendan Morrison e Matt Cooke vem tendo desempenho abaixo do esperado, e Morrison não tem conseguido armar as jogadas de ataque para seus dois parceiros, como se acreditava na pré-temporada. Mesmo assim, Vigneault tem insistido com a linha, acreditando que Morrison precisa de tempo para se acostumar às ausências de Markus Naslund e Todd Bertuzzi ao seu lado.



Em sete partidas, os Canucks acumulam três vitórias, três derrotas e uma derrota na prorrogação, com apenas 16 gols a favor e 17 contra, segurando a sétima posição no Oeste. Com aproveitamento de apenas 14,3% das oportunidades de vantagem numérica, estão na metade de baixo da liga no quesito, mas têm conseguido matar pouco mais de 86% das desvantagens numéricas.

Com um calendário

difícil, que apresenta vários jogos contra rivais de divisão — os difíceis Flames, Oilers, Avs e Wild —, o time de Vancouver precisa fazer muito mais e evoluir bastante se realmente tiver a intenção de disputar algo mais que apenas a temporada regular. Além disso, em todo o mês de outubro serão apenas quatro jogos em casa, contra nove fora, o que pode dificultar mais ainda o trabalho de Vigneault.

Alessander Laurentino está triste pela perda dos direitos de transmissão dos jogos dos Canucks pela CKNW depois de 36 anos.

Minnesota segue líder

Por: Marcelo Constantino e Thomaz Alexandre

Quem diria? O Minnesota Wild manteve a liderança no ranking da segunda semana da temporada. Além dele, o Buffalo Sabres e o Dallas Stars eram os únicos invictos até domingo, dia de fechamento dos cálculos. No meio deles, o quentíssimo Atlanta Thrashers, aquele que é conhecido como “protegido” desta seção (o San Jose Sharks) e o time da semana, o Edmonton Oilers — que, digamos, cumpriu seu papel com perfeição na semana, vencendo bem as duas únicas partidas que disputou. Arrasado consecutivamente (sofreu 18 gols em três apenas jogos), o Phoenix Coyotes desceu rapidamente para tomar posse da lanterna, para uma vergonha cada vez mais enervada

de Wayne Gretzky. Só mesmo no Ranking da Slot! E uma alegria para a imensa torcida dos Penguins no Brasil: eles estão entre os dez mais. Uma semana, Columbus, na outra, Pittsburgh entre os dez mais. Você se lembra se isso ocorreu alguma vez na história deste Ranking? Só falta o Washington, mas, com o mau começo de Alex Ovechin, supostamente contundido, fica difícil. Já Carolina e Ottawa, pelo contrário, eram esperados por essas bandas mas, até agora, nada. New York Rangers, com Brandon Shanahan e Jaromir Jagr dominando, já, já deve aparecer. Enquanto isso, vamos dar uma conferida nas aberrações que uma amostra pequena nos proporciona.

1		=	Minnesota Wild	(1)
A mistura de veteranos com pratas-da-casa tem mantido o time em 100%.				
2		^	Dallas Stars	(4)
O último invicto que sobrava na Divisão Pacífico.				
3		^	Atlanta Thrashers	(5)
Antes de Kovalchuk marcar seu primeiro tento da nova campanha, a imagem já era das melhores na Geórgia.				
4		^	Edmonton Oilers	(14)
Todo começo de temporada, com ou sem hat-trick natural, perguntamo-nos se é este o ano de Ryan Smyth.				
5		v	San Jose Sharks	(3)
É sempre curioso quando se referem ao goleiro tubarão como "Evgeni Nabokov, of Kazakhstan". Nem tanto quando é o ataque que vem carregando a equipe, mas...				
6		v	Anaheim Ducks	(2)
Mesmo sendo nas disputas de pênaltis, as duas derrotas em seqüência decepcionam o torcedor que espera tanto esta temporada.				
7		^	Buffalo Sabres	(8)
É raro um time ir três vezes para a disputa de pênaltis em duas semanas. Os Sabres não apenas foram, como venceram todas.				
8		^	New Jersey Devils	(11)
Brian Gionta pode não ser um jogador que define uma franquia, mas ao menos em 2006-07 ele pode estar a caminho da temporada de sua carreira.				
9		^	Detroit Red Wings	(19)
Eles têm vencido com Hasek, mas a saída de Legace para St Louis pode se mostrar um daqueles negócios onde ex e atual time saem perdendo.				
10		^	Pittsburgh Penguins	(12)
A vitória suada contra os rivais de divisão Rangers, com Crosby superando Jagr, foi importante para esse time que tem sido objeto de tanta discussão.				

11		v	Toronto Maple Leafs	(10)
12		^	Chicago Blackhawks	(13)
13		^	Montreal Canadiens	(21)
14		^	Florida Panthers	(22)
15		v	Columbus Blue Jackets	(9)
16		^	Calgary Flames	(17)
17		^	Carolina Hurricanes	(28)
18		v	Washington Capitals	(16)
19		v	Vancouver Canucks	(7)
20		v	Los Angeles Kings	(18)
21		^	Tampa Bay Lightning	(24)
22		v	New York Rangers	(6)
23		^	St. Louis Blues	(26)
24		v	Colorado Avalanche	(20)
25		^	Nashville Predators	(29)
26		^	Philadelphia Flyers	(27)
27		v	Ottawa Senators	(25)
28		v	Boston Bruins	(23)
29		^	New York Islanders	(30)
30		v	Phoenix Coyotes	(15)

Time da semana: Edmonton Oilers

O sistema do Ranking da Slot foi desenvolvido por Marcelo Constantino e Thomaz Alexandre e considera diversas variáveis, desde as mais básicas, como vitórias, prorrogações, saldo de gols e shutouts, como vitórias por um gol de diferença, gols da vitória ou de empate nos últimos minutos. Os resultados são computados dia a dia, porém consolidados semanalmente. Entre parênteses, a posição do time na semana anterior. As setas indicam se o time subiu ou caiu de posição.